

Uma análise do significado social da mesóclise em textos da esfera jornalística capixaba

An analysis of the social meaning of mesocclisis in texts from the journalistic sphere of Espírito Santo

Ludimilla Rupf Benincá¹

Resumo: Apesar de a mesóclise não ser totalmente vigorosa no PB, como uma variante disponível no vernáculo dos falantes, sua presença em textos escritos da esfera jornalística não é desprezível. Neste trabalho, analisamos qualitativamente textos publicados no jornal A Gazeta, o mais influente do Espírito Santo, de setembro a novembro de 2012, nos quais encontramos uma recorrência de 35,7% dessa colocação (5 dados) nos contextos em que é possível sua emergência (tempos do futuro, sem contextos antecedentes categóricos ou semicategóricos: palavra negativa, pronome relativo/focalizador, palavras Qu- interrogativas e sujeitos quantificados). O emprego da mesóclise, de acordo com nossa análise, está associado a significados sociais de conservadorismo, rebuscamento, erudição e domínio de conhecimentos especializados, embora significados sociais negativos também possam estar indexados. Os modelos teóricos que fundamentam as análises aqui propostas são (i) a Sociolinguística Variacionista, especialmente na abordagem estilística de *speaker design* (ECKERT, 2001; WOLFRAM; SCHILLING, 2016[1998]); (ii) estudos de texto e discurso, nomeadamente as propostas de Adam (2019[1992]), sobre a categorização de seqüências discursivas, e do Círculo de Bakhtin (VOLÓCHINOV, 2017[1929]; BAKHTIN, 2011[1953]) a respeito da enunciação enquanto ação discursiva dialógica e da noção de esferas da atividade humana como instâncias sociais hierárquicas organizadoras do discurso.

Palavras-chave: Sociolinguística; mesóclise; esfera jornalística; variação estilística; significado indexado.

Abstract: Despite mesocclisis not being entirely vigorous in PB, as a variant available in the vernacular of the speakers, its presence in written texts of the journalistic sphere is not insignificant. In this paper, we analyzed texts published in the newspaper A Gazeta, the most influential newspaper in Espírito Santo, from September to November 2012, in which we found a recurrence of 35.7% (5 occurrences) of this clitic placement in contexts in which its emergence is possible (future tenses, without categorical or semicategorical antecedent contexts: negative word, relative/focusing pronoun, Qu-interrogative words and quantified subjects). The use of mesocclisis, according to our analysis, is associated with social meanings of conservatism, erudition and mastery of specialized knowledge, although significant negative social factors may also be indexed. The theoretical models that support the analyzes proposed here are (i) Variationist Sociolinguistics, especially in the stylistic approach of speaker design (ECKERT, 2001, 2004; WOLFRAM; SCHILLING, 2016[1998]); (ii) text and discourse studies, namely the proposals of Adam (2019[1992]), on the categorization of discursive

¹ Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL), Vitória, ES, Brasil. Endereço eletrônico: ludimillarupf@gmail.com.

sequences, and of the Bakhtin Circle (VOLÓCHINOV, 2017[1929]; BAKHTIN, 2011[1953]) regarding of enunciation as a dialogic discursive action and of the notion of spheres of human activity as hierarchical social instances that organize the discourse.

Keywords: Sociolinguistics; mesoclis; journalistic sphere; stylistic variation; indexed meaning.

Introdução

Com a ascensão do então vice-presidente Michel Temer à presidência em 2016, após o golpe/*impeachment* que derrubou a presidenta eleita Dilma Rousseff, a mesóclise ganhou os jornais, que reportavam os pronunciamentos de Temer, recheados de mesóclises. Na mesma medida, passaram a ser fartos os memes que satirizavam tal situação, associando a atuação linguística do político a um elitismo exacerbado. No entanto, anteriormente a esse fato, as mesóclises já figuravam nos jornais como uma variante hipermonitorada, que carrega consigo, de acordo com nossa proposta, alguns valores indexados.

Para observar o comportamento da mesóclise, analisamos textos jornalísticos vinculados aos gêneros carta do leitor, editorial, crônica e artigo de opinião, publicados no jornal A Gazeta entre setembro e dezembro de 2012, constantes do banco de dados do PortVix – Português Falado na cidade de Vitória (TESCH, YACOVENCO, 2022). Nesse *corpus*, foram examinados 1977 dados de colocação pronominal em relação a lexias verbais simples, dos quais apenas 14 estavam em contexto linguístico de potencial emergência da mesóclise (tempos do futuro, sem contextos antecedentes categóricos ou semicategóricos: palavra negativa, pronome relativo/focalizador, palavras Qu- interrogativas e sujeitos quantificados), tendo a mesóclise ocorrido em 5 deles.

Neste trabalho, apresentamos as análises qualitativas de cada uma dessas 5 mesóclises, duas delas presentes em crônicas, duas em artigo de opinião e uma em carta de leitor. As teorias que fundamentam e embasam essa análise são os princípios da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008[1972]) ligados à variação estilística e aos significados sociais das variantes, dos quais observamos aportes oriundos de diferentes abordagens – *attention to speech* (LABOV, 2008[1972]; 2001), *audience design* (BELL, 1984), *speaker design* (WOLFRAM E SCHILLING, 2016[1998]); ECKERT, 2001; 2008; 2011; 2012), além das contribuições de Bentes (2009), Eckert e Labov (2017) e Melo (2020) –; postulações sobre a norma linguística, especialmente Kato (2005), Mateus e Cardeira (2007), Faraco (2008), Poplack (2015), Bagno (2017) e Benincá e Yacovenco (2020), e as teorias de texto e discurso, especialmente

Volóchinov (2017[1929]), Bakhtin (2011[1953]), Adam (2019[1992]), Paredes Silva (1997) e Marcuschi (2010[2002]; 2003; 2007).

Referencial teórico

A Sociolinguística Variacionista, ou Teoria da Variação e Mudança Linguística, é um modelo teórico que tem por objeto de análise a língua em uso e sua relação com a sociedade que a fala. Um dos princípios primordiais da Sociolinguística é o de que toda língua varia e toda língua muda. Apesar desse fato, a língua não é caótica ou aleatória, a variação que apresenta – podendo culminar em mudanças ou não – é inerente ao sistema e parte do repertório linguístico do falante. Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]) denominam essa propriedade das línguas como *axioma da heterogeneidade ordenada*; ou seja, existem forças internas e externas à língua que levam o falante a escolher uma das formas concorrentes (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 35)

Por outro lado, a tradição normativa não deixa de ser um forte lastro, que busca levar o falante/escritor a estar mais próximo de uma homogeneidade linguística, com o registro de formas canônicas e pretensamente corretas. No entanto, essa norma idealizada é capaz de se sobrepor, num jogo de forças opostas, às outras normas? Fracionando e simplificando a questão: diante de fenômenos que recebem tratamento normativo claro, entre os quais está a colocação pronominal, por que os falantes, ainda que tenham frequentado a escola e conheçam a forma padrão, empregam outras variantes?

Poplack (2015), na tentativa de buscar a resposta para essa questão, observou em alunos de ensino médio algumas variáveis do francês falado em Québec, Canadá. Segundo ela, muitas vezes a associação entre o emprego de formas não padrão por pessoas escolarizadas e o fracasso do sistema escolar na disseminação da norma-padrão parece imediata. No entanto, para a autora, é importante avaliar outras forças que atuam na escolha e não apenas o sucesso ou fracasso da escola em disseminar as variantes padrão. O que a autora observou é que, independentemente da transparência normativa ou do prestígio que o uso padrão de uma forma possa apresentar, a norma que prevaleceu entre os alunos foi a natural da comunidade de fala.

Entre essas *outras forças* que direcionam um falante para diferentes normas e atuações linguísticas, podem estar fatores internos ao sistema linguístico, como os morfossintáticos, e fatores de ordem social, discursiva e estilística, como os gêneros discursivos a que os textos se vinculam, os aspectos que envolvem o falante/escritor e a situação de fala/escrita, como quem é o falante, qual é o papel social que ocupa, quem é a audiência, qual a relação que os interlocutores têm entre si, que *persona* o enunciador pretende assumir ou mostrar etc.

O condicionamento estilístico-discursivo já foi observado, na esteira das investigações estilísticas, sob diferentes enfoques: de acordo com a primeira delas, proposta por Labov (1994 2001), essa condição é o grau de atenção que o falante presta à própria fala (*attention to speech*), monitorando-a menos ou mais. Já na abordagem de *audience design*, proposta por Bell (1984), a condição capaz de alterar o estilo do falante é sua audiência – o interlocutor e os demais participantes ou observadores na situação de enunciação. Por fim, temos a abordagem de *speaker design*, que se aproxima do que Eckert (2012) considera como a terceira onda dos estudos sociolinguísticos, cujo enfoque está nos significados indexados à fala dos indivíduos em relação aos grupos a que pertencem ou desejam pertencer – as palavras de ordem nessa abordagem são *criatividade* e *agentividade* (e não apenas responsividade) (WOLFRAM; SCHILLING, 2016).

Para este trabalho, consideramos que o estilo é multifacetado e não se esgota em nenhuma dessas abordagens, que se aplicam a amostras de diferentes naturezas, todas concentradas em dados de fala. Baseamo-nos, então, na proposta de Valle e Görski (2014) de criação de uma variável complexa multidimensional para o tratamento da variação – extraindo as contribuições mais relevantes das três abordagens consagradas –, adotada por Benincá (2022) para analisar a variação da colocação pronominal com lexias verbais simples e complexas em dados de fala e de escrita, trabalho do qual deriva este artigo.

Com a colocação pronominal, o que temos é um *continuum* estilístico afetado por diferentes normas, ou diferentes *forças*, que levam o falante/escrevente a se aproximar ou se distanciar da norma da comunidade, sabidamente proclisadora independentemente do contexto linguístico que precede o conjunto clítico-verbo (cf., entre outros, VIEIRA, 2002; VIEIRA, 2011; BIAZOLLI, 2016). Benincá e Yacovenco (2020) constataram que na amostra que analisaram (editoriais e cartas de leitor) diferentes normas operam na colocação pronominal, fato denominado por Benincá (2022, p. 112) como norma *extra-arquetípica*, por ter alinhamento em partes ao arquetipo da norma padrão, mas atravessando-o, por razões estilísticas, quais sejam o papel social ocupado pelo falante/escrevente, o envolvimento emocional do falante/escrevente, a audiência esperada ou mesmo o gênero discursivo a que se vincula o texto.

Mostrar-te-ei as mesóclises

Houve cinco ocorrências de mesóclise no *corpus* analisado. Os condicionadores de próclise e ênclise já documentados (cf. VIEIRA, 2002; VIEIRA, 2011; BENINCÁ, 2022) muitas vezes não são suficientes para explicar a ocorrência da mesóclise de modo mais amplo.

Por isso, a análise que se apresenta nesta seção é qualitativa e individualizada para cada um desses 5 dados, elencados a seguir:

- (1) “as pessoas [...] experimentariam inovadora motivação, *revelar-se-iam* tal como, de fato, o são” (crônica)
- (2) “Durante um ou dois meses por ano os juízes *dedicar-se-iam* [...] a executar as sentenças (artigo de opinião)
- (3) “Há necessidade de aprofundar canal de navegação, mas ainda assim, *restringir-se-ia* a navios de menor calado” (artigo de opinião)
- (4) *De-ver-se-ia* (sic), unicamente levar em conta a capacidade intelectual do candidato (carta “Fala, leitor”)
- (5) “acredita-se, vejam só, que *amar-se-á* aquela pessoa pra vida inteira...” (crônica)

Apesar de ser um uso bastante restrito, seu emprego se deu no *corpus* analisado – textos da esfera jornalística, vinculados aos gêneros discursivos crônica, carta de leitor, editorial e artigo de opinião – em três desses gêneros: crônica (2 dados), artigo de opinião (2 dados) e carta de leitor (1 dado), não tendo sido registrado apenas no editorial. A mesóclise apresentou frequência de uso muito baixa se considerarmos o total de dados (1977), mas se contabilizarmos apenas os contextos propícios (verbos no futuro do presente e no futuro do pretérito não antecedidos por contextos invariantes), a frequência foi de 35,7% (5/14).

Em (1), a mesóclise se encontra em uma crônica narrativo-reflexiva em que a cronista-narradora conta aos leitores a experiência de dar uma palestra para funcionários de determinado banco sobre um distinto escritor capixaba, argumentando que outras empresas poderiam ter a iniciativa de proporcionar a seus funcionários experiências como essa, que os enriquece e os valoriza. O trecho em que aparece a mesóclise encontra-se transcrito a seguir:

(...) se as empresas implantassem a Pausa no Expediente, no modelo adotado pelo Bandes, as pessoas, sim, as pessoas e não o reducionismo à condição de empregados ou funcionários, experimentariam inovadora motivação, *revelar-se-iam* tal como, de fato, o são e – ousar crer – sentiriam sutil nesga de felicidade. Fica a sugestão (Crônica narrativo-reflexiva, Jeanne Bilich, “Pausa no expediente”. Jornal A Gazeta, 25 out. 2012).

A enunciadora revela nesse trecho seu desejo de que as empresas tomem a atitude de repetir e expandir momentos como o que ela descreve. Para isso, emprega verbos no futuro do pretérito (“experimentariam”, “revelariam” e “sentiriam”), expressando o que ela acredita que seriam os benefícios colhidos de tal iniciativa. Além do tempo verbal, essa ideia de desejo, de hipótese (associados ao modo *irrealis*) também se encontra codificada na oração condicional introduzida por “se” e nos comentários “ousar crer” e “fica a dica”; podemos supor que o

emprego da mesóclise se alinha ao valor semântico de condicionamento potencial presente em todo o trecho, reforçando-o.

O trecho (2) foi extraído do artigo de opinião *Parar de julgar*, escrito pelo desembargador Cláudio dell'Orto. Nesse artigo, o autor denuncia o aumento da *taxa de congestionamento* da justiça pelo fato de os juízes serem incentivados (inclusive financeiramente) a redigirem sentenças em processos novos, mas não a executá-las. O autor apresenta números e argumenta em favor de se estabelecer uma espécie de força-tarefa em alguns momentos para os juízes se dedicarem a executar as sentenças, finalizando o processo. Vale comentar que no discurso jurídico, especialmente escrito, a mesóclise continua operativa (observemos também as falas públicas do ex-presidente Michel Temer, de carreira jurídica), apesar de não ser a variante mais frequente.

O trecho (3) também está em um artigo de opinião escrito por uma especialista, nesse caso de Arquitetura e Urbanismo. No texto intitulado *Os nossos gargalos*, a arquiteta Isabella Batalha Muniz Barbosa aponta problemas nos diferentes modais de transporte de cargas do Espírito Santo, apresentando números, fatos e comparações. Utiliza esses recursos argumentativos para defender um maior investimento do Estado no setor por meio de parcerias público-privadas.

Nos casos (2) e (3), prevalece a argumentação, e os autores escrevem artigos sobre temáticas englobadas por sua área de atuação ou formação. No primeiro, o contexto antecedente ao conjunto clítico/verbo é um sintagma nominal sujeito, para o qual a prescrição permite a próclise e até a recomenda (visto que, em geral, a regra é que se deve usar a mesóclise apenas quando a próclise não for possível). No segundo, o contexto antecedente rejeita a próclise, de acordo com a tradição normativa, logo, a mesóclise é a variante, de fato, recomendada.

A escolha pela mesóclise, de processamento mais difícil e com regras complexas que não são facilmente aprendidas na escola (RIBEIRO, 1999 *apud* VIEIRA, 2003, p. 7), pode realçar o lugar de fala dos especialistas; supõe-se que, ao empregarem a variante hiperformal (VIEIRA, 2003), demarcam a distância entre o articulista e os leitores.

Os casos de mesóclise mencionados até aqui apareceram em gêneros discursivos com características compatíveis com uma variante hiperformal: a crônica, que apresenta regras de colocação pronominal com condicionamentos distintos dos gêneros prototipicamente jornalísticos, e o artigo de opinião (que ocupou o segundo lugar mais alto na escala de estilo² de acordo com a análise de Benincá, 2022), representando o olhar de especialistas.

² Trata-se de um procedimento metodológico proposto por Benincá (2022), em que são observados sete formantes de estilo (a saber: emissor, papel social do emissor, audiência, relação de poder/solidariedade entre os participantes

Agora passemos à observação de (4), em que o emprego da mesóclise se deu em uma carta *Fala, leitor*, seção do jornal na qual os leitores discorrem sobre temas diversos e apontado por Benincá (2022) como tendo baixo grau de formalidade, no geral. Os autores das cartas são identificados pelo nome e pela sua cidade (informação frequentemente substituída pela inscrição por *email*). A seguir, transcrevemos integralmente a carta em que essa mesóclise foi empregada.

Cotas

Neste instante em que se discutem as cotas raciais para o vestibular, a Ufes resolveu reservar 25% das vagas para os negros, atendendo a uma determinação do MEC. Não concordamos com essa medida, uma vez que a cor da pele jamais deveria ser critério para reserva de vagas. É discriminatória, injusta e ilegal, já que todos os cidadãos deveriam ser iguais, tratados sem quaisquer distinções, perante à Constituição. *De-ver-se-ia* (sic), unicamente levar em conta a capacidade intelectual do candidato ou, no máximo, as condições sociais do aluno, independentemente da cor da pele. Estamos vendo, orgulhosamente, como exemplo, um negro, filho de um pedreiro, o ministro Joaquim Barbosa, que, certamente, não precisou se utilizar de cotas raciais ou de qualquer privilégio para alcançar o cargo que ocupa. Apenas, sua capacidade intelectual e seus conhecimentos levaram-no a ocupar um lugar de destaque no STF, do qual, com méritos, será presidente (carta *Fala, leitor*).

Como se vê, a temática da carta é polêmica, o sistema de cotas raciais recém-implantado pela Universidade Federal do Espírito Santo na seleção de seus futuros estudantes. O autor da carta demonstra um posicionamento conservador sobre o tema, colocando-se contrário às cotas raciais. Critica-as duramente (*cf.* “discriminatória, injusta e ilegal”), enquanto defende, em contraponto, o mérito desprovido de privilégios como única forma legítima de sucesso, lançando mão, para sustentar seu ponto de vista, do exemplo de um homem negro que alcançou um posto na mais alta corte do poder judiciário brasileiro sem esses ditos privilégios.

O conservadorismo político-social presente na postura assumida pelo autor parece se refletir também no registro selecionado, pretensamente alinhado à variedade padrão, com o emprego de mesóclise e do clítico alomórfico *no*, que teve ocorrência mais rara no *corpus* do que a própria mesóclise (apenas 3 dados).

Assim, se for legítimo evocar algum significado como potencialmente indexado ao emprego da mesóclise nesse caso, por hipótese, podemos dizer que está associado ao reforço da posição conservadora do leitor diante do assunto discutido; além disso, assim como nas duas

da enunciação, supertópico, gatilho tópico e envolvimento emocional do emissor), que resultam em uma somatória a partir da atribuição de valores a cada fator que compõe um formante. Quanto maior o valor final da somatória, por essa análise, mais o estilo se distancia da frugalidade, espontaneidade e informalidade.

mesóclises nos artigos de opinião mencionados acima há aqui uma tentativa de expressar fortemente um desejo (alinhado ao modo *irrealis*) do leitor/autor, o de que o mérito seja o único elemento a ser considerado em provas de seleção.

É evidente que o *irrealis* é codificado pelo próprio futuro do pretérito. O que defendemos é que, ao empregar, além do futuro do pretérito, a mesóclise, o autor reforce sua atitude epistêmica frente ao que enuncia.

A única ocorrência de mesóclise ao futuro do presente se deu após conjunção integrante, contexto tradicionalmente atrator do clítico. Abaixo, transcrevemos o parágrafo inteiro no qual se deu essa ocorrência, sem alterar qualquer aspecto da publicação original (à exceção do grifo no segmento sob análise):

depois dos 15 anos... data marcada pelo sentido mercadológico do conto de fadas... todo mundo tem 18... vale um complemento dessa ilegalidade da idade... não há nada para quem tem entre 15 e 17: 364 dias de idade... é aí que aflora a caminhada para o fim das virgindades celestiais... todo mundo sabe disso, porque todo mundo já esteve por essas bandas da idade, e é ali que o pecado original e a sua maçã infalível contracenam com o que antes era individualismo impuro... nasce amor namoradeiro... acredita-se, vejam só, que *amar-se-á* aquela pessoa pra vida inteira... (Crônica expositivo-reflexiva, Lúcio Manga, *tudo que você sabe sobre sexo, mas dá uma de bobo pra pagar de puritano*. Jornal A Gazeta, 06 out. 2012)

Nessa crônica, o autor expõe suas reflexões sobre a relação entre real e virtual no que diz respeito ao sexo. Trata-se de uma temática pouco ortodoxa, mesmo para uma crônica, e com marcas gráficas no texto que também demonstram o não alinhamento às convenções (o não emprego de letra maiúscula, as sentenças curtas e sintaticamente mais simples se alternando com outras mais longas e complexas); além disso, o uso constante de reticências reforça o tom de reflexão, insinuação e fragmentação.

Apesar de alguns aspectos apontarem para uma cisão com a tradição, o cronista emprega a mesóclise – uma variante que resiste no PB apenas em domínios restritos de escrita – e ainda em um contexto em que a prescrição recomenda a próclise, variante preferida no PB oral e em gêneros escritos. Podemos supor que, ao optar por essa variante, o autor deixa ainda mais explícita a oposição *moderno vs. arcaico* que essa sentença representa em relação ao todo na crônica: 1. no plano do sentido: a crônica discorre sobre a banalização, fluidez e volatilidade do sexo, e a sentença em análise, em contraponto, denota estabilidade e constância (cf. “pra vida inteira”); 2. no plano da forma: pretende-se expressar um ar de vanguardismo, com formas gráficas e pontuação não convencionais (além de reduções, como “pra”, e gírias, como “pagar de [adjetivo]”), e a mesóclise rompe essa congruência harmônica do texto.

A construção “que amar-se-á”, apesar de estar no futuro do presente e não do pretérito, parece exprimir um valor de incerteza. O comentário intercalado “vejam só” demonstra atitude descrente do enunciador frente ao que reporta de discursos alheios (por meio de “acredita-se”); ou seja, a leitura que se pode fazer desse contexto é que os outros acreditam “que amar-se-á aquela pessoa pra vida inteira”, mas o enunciador não acredita nisso, e reforça a atitude de improbabilidade ou impossibilidade – tomando de empréstimo os termos propostos por Gryner (1990 apud GRYNER; OMENA, 2004) para determinar os fatores de diferentes atitudes epistêmicas – por meio da mesóclise.

Assim, ao flertar com o domínio literário, o autor pode ter empregado a mesóclise como recurso estilístico tanto para reforçar a oposição mencionada anteriormente quanto para potencializar a ironia presente em “pra vida inteira” (a sentença “vejam só” intercalada demonstra o não alinhamento do cronista a essa ideia). Esses valores discursivos e estilísticos parecem ter sido mais fortes que a prescrição e levaram o cronista a não “corrigir” a colocação numa possível revisão do texto, não por desconhecimento da regra, visto que se trata de um professor de Português e colunista de rádio em programas com foco em norma padrão.

Ao que parece, a mesóclise foi empregada nesses casos para transmitir ao leitor um valor semântico adicional, além do significado referencial expresso no texto. Nos casos de mesóclise ao futuro do pretérito (que representaram 4 das 5 ocorrências), essa colocação parece reforçar o aspecto *irrealis* do verbo. Apesar de não termos controlado a atitude epistêmica do enunciador ou outro aspecto de cunho semântico como variável independente, julgamos importante mencionar esse ponto, concordando com Gryner e Omena (2004), que afirmam: “[...] sabe-se que o significado linguístico não se esgota no conteúdo lexical, mas deriva em grande parte dos contextos linguísticos ou situacionais em que a forma ocorre” (GRYNER; OMENA, 2004, p. 89). Parece ser esse o caso da mesóclise, que teve 80% de suas ocorrências ligadas a um hospedeiro no futuro do pretérito, cujo conteúdo é eventual, hipotético, o que se encontra reforçado por outras pistas linguísticas (como outros verbos no futuro do pretérito ou no pretérito imperfeito do subjuntivo na sequência e modalizadores discursivos).

A mesóclise ocorreu no *corpus* com ambos os tempos que permitem sua emergência (futuro do presente e futuro do pretérito do indicativo nas suas formas sintéticas), mas com frequências distintas (1/12 com futuro do presente e 4/12 com futuro do pretérito, também chamado de condicional). Como foram poucas as ocorrências de verbos nesses tempos, não podemos afirmar categoricamente que seu comportamento é invertido quanto à colocação pronominal, com o futuro desfavorecendo a mesóclise mais que o condicional. No entanto,

algumas considerações devem ser feitas sobre o condicional, que podem, de fato, exercer alguma influência sobre o emprego da colocação hipermonitorada, a mesóclise.

Inicialmente, devemos levar em conta que os tempos do futuro se distinguem dos outros tempos do indicativo, conforme pontua Santos (2002) ao propor, com base em Givón (1984; 1993; 1995), Bybee *et al.* (1994) entre outros autores, que esses tempos são mais *modos* do que essencialmente *tempos*. Sobre o futuro, a autora afirma: “[...] concordamos com Givón (1993:172): ‘o futuro é, por definição, um modo *irrealis*’. Portanto, deveria estar associado ao modo subjuntivo nas gramáticas normativas” (SANTOS, 2002, p. 5). A autora assume que a irrealidade atinge similarmente o futuro do presente e do pretérito (rotulados como *futuro verbal*), mas na análise de dados os distingue, ressaltando que os dados com futuro do presente “[...] codificam o conhecimento, a crença do falante sobre o conteúdo das proposições enunciadas e observa-se o grau de comprometimento do falante com a verdade da proposição” (id., p. 5). Assim, se pudermos distinguir entre os dois tempos qual deles expressa de forma mais saliente a noção de irrealidade, de mundo hipotético, condicional, esse tempo é o futuro do pretérito.

Ainda sobre o futuro do pretérito, que desencadeou a maioria das mesóclises em tela, destacamos o trabalho de Tesch (2011), que, baseada na Teoria da Variação e Mudança Linguística, analisou a expressão do âmbito *irrealis* entre os falantes de Vitória (PortVix). Esse fenômeno se manifestou sob a forma de quatro variantes: futuro do pretérito (*faria*), pretérito imperfeito (*fazia*) e as formas perifrásticas com pretérito imperfeito (*ia fazer*) e com futuro do pretérito (*iria fazer*). Dessas, a variante padrão (futuro do pretérito sintético) ocorreu em 41% dos casos, seguida do pretérito imperfeito (38%) e da forma perifrástica *ia + V* (21%) – a forma perifrástica *iria + V* não chegou a 1% das ocorrências. No trabalho de Tesch (2011), o futuro do pretérito foi favorecido, entre as variáveis sociais e discursivas, pelo tipo de texto argumentativo e pela maior escolarização do falante.

Reunidas todas essas informações sobre a expressão do âmbito *irrealis* na comunidade de fala capixaba, podemos esboçar algumas relações entre o futuro do pretérito, a forma padrão, de maior prestígio – e, segundo Tesch (2011), mais formal – e a colocação mesoclítica, favorecida por esse tempo. A argumentação, apontada por Tesch (2011) como favorecedora da forma padrão futuro do pretérito, é a sequência tipológica predominante em dois dos gêneros em que ocorreram as mesóclises, a carta e o artigo de opinião, que concentram 3 das 5 mesóclises encontradas.

Podemos ter aqui uma confluência de fatores que desembocam na associação entre futuro do pretérito e a mesóclise: a argumentação desencadeou mais futuro do pretérito como

forma de expressar o âmbito *irrealis* (Tesch, 2011) e a argumentação concentrou, em nossa amostra, a maioria dos dados de mesóclise. Com a devida cautela, dado o aporte teórico distinto, podemos recorrer ao princípio de marcação³ (GIVÓN, 1995) para justificar essa confluência de fatores, uma vez que temos três fatores marcados associados: o futuro do pretérito, a argumentação e a mesóclise. Além disso, a mesóclise, assim como o futuro do pretérito, é a variante mais monitorada.

Para finalizar esta exposição sobre a mesóclise, não podemos deixar de mencionar a avaliação negativa que a mesóclise pode ter incorporado ao longo do tempo entre os falantes do PB, especialmente depois da ascensão do então vice-presidente Michel Temer à presidência em 2016, empossado após um conturbado processo de golpe/*impeachment* que derrubou a presidenta Dilma Rousseff. Há nas redes sociais vários memes pejorativos ligando o uso da mesóclise, fartamente presente nos discursos de Michel Temer, a valores negativos, como hermetismo, ardileza, arrogância e distância das pautas populares. Eralldo (2017), em seu blog, publicou um artigo em que elenca e analisa alguns desses memes (*cf.* <http://www.douglaseralldo.com/2017/04/o-caso-da-mesoclise-do-desaparecimento.html>).

Considerações finais

Discorremos neste artigo sobre os possíveis significados indexados à mesóclise. Quanto à colocação pronominal, podemos supor que a próclise é a variante não marcada, sem expressão de significados sociais associados ao seu emprego. Os motivos que nos levaram a essa leitura foram o fato de essa variante ser, no PB, quase categórica na fala e a mais recorrente na escrita, além de extrapolar em todos os gêneros discursivos em tela o limite da prescrição (figurando em contextos de recomendação categórica de ênclise). A ênclise, de acordo com nossa interpretação, indicia valores ligados a conhecimentos especializados e prototípicos de espaços letrados. A mesóclise, que é o foco deste artigo, por sua vez, por ser a variante hiperformal, poderia denotar maior rebuscamento, refinamento, conhecimento e elegância ou ainda de modalização discursiva, mas, como se observa nos diversos memes que circulam nas redes sociais, pode carregar também, a depender da situação sociocomunicativa em que ocorre, um valor simbólico de arrogância e elitismo.

Considerando esses possíveis valores indexados e os usos de ênclise e mesóclise, podemos levantar a hipótese de que a colocação pronominal é um *marcador* (LABOV, 1994),

³ O princípio da marcação se define como um status meta-icônico da língua que associa a codificação linguística a questões de ordem comunicativa e cognitiva. Pelo princípio da marcação, uma categoria se define, por oposição binária, como marcada ou não marcada.

pois sofre variação estilística e demonstra ser alvo de avaliação dos falantes/escreventes, estando acima do nível da consciência. A mesóclise, especificamente, pode ser, em determinados contextos, apontada como um *estereótipo*, por ter alto grau de consciência por parte do falante/escrevente e indiciar, algumas vezes, significados negativos.

Referências

- ADAM, J. **Textos: tipos e protótipos**. São Paulo: Contexto, 2019 [1992].
- BAGNO, M. Norma. In: **Dicionário crítico de sociolinguística**. São Paulo: Parábola, 2017.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail (org.). **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. a. [1953], p. 261–269.
- BELL, A. **Language style as audience design**. *Language in society*, Wellington, n. 13, p. 145–204, 1984.
- BENINCÁ, L. R. **A posição dos clíticos pronominais em textos jornalísticos capixabas: uma investigação do continuum da variação estilística inter- e intragenérica**. 2022. Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Vitória, 2022. Tese (Doutorado em Linguística).
- BENINCÁ, L. R.; YACOVENCO, L. C. “Me dá um sinal”: que norma opera na colocação dos clíticos pronominais no PB em gêneros do domínio jornalístico? In: FARIA, Sandra Teixeira de; MARQUES, Francisco Cláudio Alves; JIMÉNEZ, María Colom; DUARTE, Osvaldo Copertino (org.). **Novas contribuições em investigação e ensino em língua portuguesa**. Madrid: Punto Didot, 2020. p. 145–178.
- BENTES, A. C. “Tudo que é sólido desmancha no ar”: sobre o problema do popular na linguagem. **Gragoatá**, Niterói (RJ), n. 27, p. 117–134, 2009. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33109>. Acesso em: 15 jun. 2021.
- BIAZOLLI, C. C. **Posição de clíticos pronominais em duas variedades do português: inter-relações de estilo, gênero, modalidade e norma**. 2016. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), Araraquara, SP, 2016. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/144643>. Acesso em: 15 set. 2020.
- ECKERT, P. **Linguistic variation as social practice**. Oxford: Blackwell, 2001.
- ECKERT, P. Variation and the indexical field. **Journal of Sociolinguistics**, v. 12, n. 4, p. 453–476, 2008. DOI: 10.1111/j.1467-9841.2008.00374.x.
- ECKERT, P. Where does the social stop? In: PARROTT, Jeffrey K.; QUIST, Pia; GREGERSEN, Frans (org.). **Language Variation: European Perspectives III**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2011. p. 15–30.
- ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. **Annual review of Anthropology**, n. 41, p. 87–100, 2012.

ECKERT, P.; LABOV, W. Phonetics, phonology and social meaning. **Journal of Sociolinguistics**, Hoboken (New Jersey), v. 21, n. 4, p. 467–496, 2017. DOI: 10.1111/josl.12244.

ERALLDO, D. **Blog do Douglas Eralldo**. 2017. Disponível em: <http://www.douglaseralldo.com/2017/04/o-caso-da-mesoclise-do-desaparecimento.html>. Acesso em: 30 nov. 2021.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola, 2008.

GIVÓN, T. **Functionalism and grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

GRYNER, H.; OMENA, N. P. De. A interferência das variáveis semânticas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004 [2003]. p. 89–100.

KATO, M. A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical. In: MARQUES, M. A.; KOLLER, E.; TEIXEIRA, J.; LEMOS, A. S. (org.). **Ciências da Linguagem: trinta anos de investigação e ensino**. Braga: CEHUM, U. do Minho, 2005. p. 131–145.

LABOV, W. **Principles of linguistic change: internal factors**. Cambridge/Oxford: Blackwell, 1994.

LABOV, W. The anatomy of style shifting. In: ECKERT, Penelope; RICHFORD, John R. (org.). **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge, MA: Cambridge University Press, 2001. p. 85–108.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

MARCUSCHI, L. A. Questão do suporte dos gêneros textuais. **DLCV**, João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 9–40, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/dclv/article/view/7434/4503>. Acesso em: 23 jun. 2021.

MARCUSCHI, L. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2007 [2001].

MARCUSCHI, L. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola, 2010[2002]. p. 19–38.

MATEUS, M. H. M.; CARDEIRA, E. **Norma e variação**. Lisboa: Caminho, 2007.

MELO, M. A. S. L. De. Furando as ondas: a contribuição de falantes à margem da estrutura social para a discussão sobre o significado social da variação. **Linguística**, Rio de Janeiro, v. 16, n. Edição Especial Comemorativa, p. 799–816, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/download/21677/23391>. Acesso em: 30 nov. 2021.

PAREDES SILVA, V. L. Forma e função nos gêneros de discurso. **Alfa**, São Paulo, v. 41, n. Especial, p. 79–98, 1997. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4033/3697>. Acesso em: 22 maio 2019.

POPLACK, S. Norme prescriptive, norme communautaire et variation diaphasique. In: KRAG, K.; LINDSCHOUW, J. (org.). **Variations diasystemiques et leurs interdependances**, *Revue de Linguistic Romane*. Ottawa: Université d'Ottawa, 2015. p. 1–37. Disponível em: <http://www.sociolinguistics.uottawa.ca/shanapoplack/francais/pubs/pubs.html>. Acesso em: 18 fev. 2019.

SANTOS, J. R. Dos. O futuro verbal é um tempo ou um modo? **Cadernos do CNLF - Gramaticalização e estudos de gramática**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 8, p. 1–6, 2002. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/vicnlf/anais/caderno08-11.html>. Acesso em: 13 out. 2021.

TESCH, L. M. A variação entre as formas do futuro do pretérito e pretérito imperfeito do indicativo na fala capixaba. **Percursos Linguísticos**, Vitória, v. 2, n. 1, p. 89–109, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/1705/1294>. Acesso em: 13 out. 2021.

TESCH, L. M.; YACOVENCO, L. C. A continuidade da documentação em pesquisas sociolinguísticas. In: FREITAG, Raquel Meister Ko.; ARAÚJO, Silvana Silva de Farias; DIAS, Valter de Carvalho (org.). **Desafios para pesquisa em Sociolinguística**. São Paulo: Blucher, 2022. p. 51–70. Disponível em: <https://openaccess.blucher.com.br/download-pdf/531/22960>. Acesso em: 23 mar. 2022.

VALLE, C. R. M.; GÖRSKI, E. M. Por um tratamento multidimensional da variação estilística na entrevista sociolinguística. In: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; SOUZA, C. M. N. De (org.). **Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise**. Florianópolis: Insular, 2014. p. 93–121.

VIEIRA, M. de F. **A cliticização pronominal em lexias verbais simples e em complexos verbais no português europeu oral contemporâneo: uma investigação sociolinguística**. 2011. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

VIEIRA, S. R. **Colocação pronominal nas variedades europeia, brasileira e moçambicana: para a definição da natureza do clítico em Português**. 2002. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

VIEIRA, S. R. Colocação pronominal nas variedades europeia, brasileira e moçambicana: para a definição da natureza do clítico em português. In: BRANDÃO, Sílvia Figueiredo; MOTA, Maria Antônia C. Da (org.). **Análise contrastiva de variedades do Português**. Rio de Janeiro: In-Fólio, 2003. p. 37–60.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929].

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

WOLFRAM, W.; SCHILLING, N. Dialects and style. In: WOLFRAM, W.; SCHILLING, N. (org.). **American English: dialects and variation**. 3rd. ed. Malden (MA) / Oxford: Wiley Blackwell, 2016 [1998]. p. 266–293.

Sobre a autora

Ludimilla Rupf Benincá (Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-2156-3294>)

Graduou-se em Letras Português na Universidade Federal do Espírito Santo, em 2006. Finalizou o Mestrado em Estudos Linguísticos em 2008 na mesma universidade, onde defendeu o Doutorado em Linguística em 2022, tendo passado 6 meses em doutorado sanduíche na Universidade do Minho, em Portugal. Integra o corpo de pesquisadores do Projeto Português Falado em Vitória (PortVix).

Recebido em maio de 2022.

Aprovado em setembro de 2022.